

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. *A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Porto Alegre: Sulina, 2013. 278 p.

## A INTERNET E A RUA

Liana Gross Furini\*

A internet e a rua é o mais recente livro dos autores Fábio Malini e Henrique Antoun, professores, respectivamente, da UFES e da UFRJ. A obra é composta por quatro capítulos: A Invenção do Ciberespaço, A Lei dos Pares na Cibercultura, Ciberativistas nas Redes e Ruas e O Devir Mundo do Ocupar.

O livro foi lançado em um momento muito importante para o cenário da comunicação no Brasil, principalmente para pesquisas relacionadas a internet: em meio às manifestações populares, que aconteceram em todo o país principalmente em junho e julho de 2013. Muito pertinente em função desse momento, o livro se propõe a fazer uma relação entre o mundo digital e o analógico, discorrendo sobre processos e sua relação com as redes digitais.

Nesse contexto, Ivana Bentes assina o prefácio do livro, “Nós somos a rede social”. Muitas vezes, as manifestações foram tachadas como não-legítimas em função da grande repercussão nos sites de redes sociais, como se elas estivessem acontecendo exclusivamente na internet e, portanto, sem real impacto: uma *revolução de sofá*. Bentes defende que “não ‘entramos’ mais na Internet, ela nos atravessa de diferentes formas em conexões a céu aberto que lutamos para democratizar e acessar”. Como os próprios manifestantes pregaram, “nós somos a rede social”.

O primeiro capítulo, A Invenção do Ciberespaço, desenha a história da criação da internet, que não tinha originalmente o intuito de ser um agente de redes sociais, mas sim monitorar e controlar processos militares. Antes da sua função social, com os grupos de discussão da Usenet e das Bulletin Board System (BBSs), predecessores dos sites de redes sociais como conhecemos hoje, a internet abrigava acadêmicos e tinha poucos atrativos. Esse cenário foi sendo alterado “com a emergência do ciberespaço (ambientes

---

\* Mestre em Comunicação Social pelo PPGCOM da PUCRS e professora da Famecos/PUCRS. PORTO ALEGRE, Brasil. lianagrossfurini@gmail.com

virtuais comunitários e participativos dos grupos de discussões)” (p. 19), que permitiu essa comunicação distribuída que vemos hoje. As informações se alastram pelo mundo com uma velocidade nunca antes vista.

Em 1984, a internet era fechada e usada por poucos com objetivos claros. A entrada das universidades na rede possibilitou que ela se tornasse um espaço de cooperação, abrindo espaço para usuários que não eram militares ou acadêmicos. “Foi essa classe digital que fez emergir os fóruns e os grupos de discussão de e-mail. Ela vai marcar a inauguração do ciberativismo em comunidades virtuais” (p. 33).

O capítulo 2, A Lei dos Pares na Cibercultura, trata dos códigos que regem a internet e condicionam os usuários. Segundos os autores, as interfaces que mediam o contato do usuário com a rede “impulsionam a participação e o compartilhamento inibindo o consumo meramente contemplativo” (p. 57). Diferente das mídias tradicionais, nas quais o conteúdo é distribuído em vários pontos, mas controlado por poucos, na internet qualquer usuário pode criar e controlar seu próprio conteúdo. Nesse sentido, a criação do Napster, em 1999, foi um marco importante. Napster era um sistema de troca de arquivos de áudio na internet que operava com um servidor que detinha informações sobre os arquivos que os usuários cadastrados tinham nos seus computadores. Através desse diretório, os usuários podiam baixar qualquer música que estivesse disponível. Contrariando a lógica das mídias tradicionais, o Napster descentralizava o conteúdo da rede.

O terceiro capítulo versa acerca das mudanças que a rede sofreu desde que foi criada. A internet gerou uma mídia livre, impulsionada pelos blogs e pelos sites de redes sociais. Nesse ponto, começou a fazer parte do planejamento de *marketing* e *branding* das empresas. A internet não tem um status de “todo mundo está falando sobre isso”, como as mídias de massa mas, em compensação, agrega uma ideia de “meu amigo recomendou”, coisa que nenhuma outra mídia havia conseguido até então (p. 158).

O quarto e último capítulo do livro entra de cabeça na questão da rua. A interação se torna mais importante do que audiência, e isso é marcado por um meio onde a cultura da conversação e do compartilhamento impera. A *timeline* demanda que o usuário tenha interações. Sem amigos, o usuário não fica sabendo das novidades e ninguém escuta o que ele tem a dizer.

Para os autores, a internet possibilitou que os participantes conversassem entre eles antes dos protestos e, muito importante, que publicassem muito material em tempo

real. Os manifestantes conseguiram, “ao se plugar da rua à Internet, fazer com que as lutas locais tornem-se mundiais” (p. 223). Nesse sentido, durante as manifestações, os participantes tentaram - e conseguiram - mostrar os acontecimentos de acordo com sua visão, e não mais apenas a das mídias tradicionais.

Resenha recebida em: 01.04.2015

Resenha aceita em: 20.10.2016